

Hermenêutica e tecnologias da comunicação

Uma proposta metodológica para pesquisa

Fabrizio Scaff Galvão*

Índice

1 O surgimento de novas práticas e paradigmas	1
2 Maniqueísmo e a visão parcial das transformações	3
3 A proposta hermenêutica de estudos	5
4 Considerações Finais	8
5 Referências	9

Resumo

Este artigo busca propor uma alternativa epistemológica às tendências maniqueístas de análise acerca das novas tecnologias da informação e comunicação. Através de uma postura analítica pautada pelos princípios da hermenêutica, ao assumirmos que devemos abrir espaço para o exame dos antigos métodos e permitir ampliações conceituais adequadas ao nosso tempo, e da transdisciplinariedade, foi feita uma análise na qual os paradigmas hermenêuticos da pesquisa em comunicação são desenvolvidos em busca de uma conceituação crítica, abordando um ter-

*Aluno do programa de pós-graduação em comunicação, nível mestrado, da Unesp, Bauru, SP. E-mail: fascaff@gmail.com. Este trabalho foi apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XV Encontro da Compôs, na Unesp, Bauru, SP, que se realiza em junho de 2006.

reno novo, um espaço que não deve ser observado por uma dualidade bom ou ruim, através de uma ótica tecnicista que desconsidere o contexto sócio-cultural, político e econômico. A universalização da tecnologia e da Internet propagam uma co-presença e a interação do indivíduo de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional. A técnica só se realiza quando consegue atingir o social e o simbólico, sendo assim, a nossa proposta é de contribuir com a luz do pensamento hermenêutico no debate sobre a pesquisa das novas tecnologias da informação e comunicação, sugerindo um olhar contextualizado, aberto a mudanças e contribuições.

1 O surgimento de novas práticas e paradigmas

Ao início do Renascimento, no século XIV, com a atuação acadêmica dos humanistas e o final da Idade Média a ciência e a técnica alcançam o patamar de agentes de transformação social na modernidade. A produção constante de ciência e tecnologia e sua rápida difusão (e uso) pelo setor produtivo e pela sociedade, são hoje uma preocupação mundial.

Atualmente é impraticável entender a dinâmica das economias capitalistas sem con-

siderar o progresso técnico dos últimos anos. Mais do que nunca, o entendimento de como a tecnologia afeta o mundo globalizado é vital para a compreensão do crescimento da riqueza dos países e da dinâmica das sociedades contemporâneas. Levy (1999) expõe seu pensamento a respeito da tríade relação entre técnica-cultura-sociedade dizendo que:

As técnicas determinam a sociedade ou a cultura? Se aceitarmos a ficção de uma relação, ela é muito mais complexa do que uma relação de determinação. A emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização. Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. E digo condicionada, não determinada. (LEVY, 1999, p. 25)

Os computadores deixam de ser meras máquinas de calcular e transformam-se em máquinas de comunicar, fazendo com que as representações da cultura na sociedade se tornem mais plurais e heterogêneas ainda, criando um ambiente complexo no qual, segundo Lopes (2004):

Não é mais possível imaginar a organização das sociedades sem a presença e o uso destas máquinas, que fazem parte das nossas realidades materiais e simbólicas e potencializam ao infinito a difusão dos inúmeros atos de fala humana, de outros sons, silêncios e das imagens sobre qualquer coisa. [...] Atualmente, máquinas podem simular esta presença com um nível de eficiência que permite que se acredite por exemplo em desterritorialização e em um mundo ciberneticamente unificado. Em cada época surgem discursos

que, utópicos ou realistas, servem para emular seus problemas práticos e simbólicos. (LOPES, 2004, p. 37)

Os processos de globalização potencializados pelas novas tecnologias trazem inúmeros desafios relacionados diretamente a este tema. O esforço tecnológico possui várias dimensões críticas e, ao analisar a origem e a natureza das inovações, podemos concluir que estas transformam não apenas a economia, mas afetam profundamente toda a sociedade, condicionando a realidade econômica e sócio-cultural dos países, além de aumentarem a capacidade de acumulação de riqueza e geração de renda em alguns casos e da exclusão e manutenção da pobreza em outros.

Como se o campo dos estudos em comunicação já no fosse por si só, repleto de dificuldades e percursos sinuosos, ao tratarmos da temática das novas tecnologias sob uma ótica comunicacional “a dificuldade de analisar concretamente as implicações sociais e culturais da informática ou da multimídia é multiplicada pela ausência radical de estabilidade neste domínio” (LEVY, 1999, p. 24), sendo pertinente citar também a observação de Lopes acerca da problemática criada pela forte influência do senso comum, apontando que:

Estudar processos comunicacionais significa tocar em certezas socialmente compartilhadas, transformadas em “verdades” inquestionáveis, mesmo no mundo acadêmico, quiçá fora dele. Navegar neste universo de incertezas, que também caracteriza a atualidade política, social, econômica e cultural não é tarefa fácil. [...] É fundamental a rejeição ao logocentrismo, a idéia

de o que pensamos e pesquisamos não pode ser interpretado também a partir dos nossos próprios limites. Para tal, a hermenêutica crítica é uma boa âncora de abordagem. (LOPES, 2004, p. 35)

A conjunção destes fatores da contemporaneidade nos leva a necessidade eminente de um direcionamento do olhar para a problemática da pesquisa acerca das novas tecnologias da informação e comunicação, bem como o reconhecimento da importância do desenvolvimento de novos pensamentos contextualizados nesta área.

Procuramos aqui, como Geertz (1978) sugeriu, para uma teoria interpretativa da cultura, adotar uma abordagem que não assuma a pesquisa em novas tecnologias da informação e comunicação como uma ciência experimental, determinando leis, mas sim como uma ciência interpretativa, à procura dos significados intrínsecos que podem ser encontrados através de uma análise contextualizada e de sujeitos bem definidos.

2 Maniqueísmo e a visão parcial das transformações

Comumente assistimos ao debate a respeito das novas tecnologias sob uma ótica antagonista que pressupõe a aceitação ou a negação, o fechamento ou o deslumbramento em torno das novas tecnologias. É fato que nenhuma destas perspectivas exerce um papel colaborativo que ajude a entender melhor e nos posicionarmos sobre assunto em pauta. A postura de aceitação sem questionamentos, da recepção festiva a cada novo dispositivo tecnológico é ingênua e irresponsável (FILHO, 2001).

Crer que as inovações tecnológicas condicionam-se a um comprometimento inseparável dos interesses de grandes conglomerados transnacionais e promovem exclusivamente a pasteurização cultural, atingindo o status de elemento alienante e destrutivo, no que tange os aspectos sócio-culturais dos indivíduos e para a sociedade como um todo, é tão descabido e improdutivo do ponto de vista crítico e acadêmico quanto adotar – como ocorre comumente nas exposições eufóricas da mídia (eletrônica, impressa e digital) – posturas salvacionistas relativas às inovações tecnológicas, classificando-as como elemento causador de uma revolução que na realidade apresenta efeitos difusos e é menos abrangente do que aparenta ser.

As novas tecnologias se beneficiam de uma publicidade, em todas as direções, já há uns quinze anos, como nenhuma outra atividade social, política, esportiva ou cultural. Paradoxalmente, ninguém ousa criticá-las, nem questionar se por um lado elas merecem um tal lugar no espaço público, nem se, por outro lado, elas significam um progresso a tal ponto incontestável que justifique o clamor incessante pela imperiosa necessidade de “modernização”. [...] Eles se referem à “revolução da Internet” e afirmam de forma pedante que a sociedade do futuro passa pelo teclado. [...] A realidade é então bem menos “multimídia” do que os discursos afirmam, mas o que continua verdadeiro é a onipresença do discurso de modernização, seu caráter obrigatório, sua recusa a menos objeção e seu constante apelo aos jovens. (WOLTON, 2003, p. 83, 84)

Dissecar as novas tecnologias da comunicação do corpo contextual, no ambiente sócio-cultural, político e econômico em que esta se insere compromete a análise, uma vez que neste processo não se pode atribuir à tecnologia o comando do desenvolvimento histórico e das mudanças na atualidade. Desmembrá-las da realidade espaço-temporal em que se inserem é fadar a crítica ou a pesquisa a um posicionamento de caráter asséptico, de sujeitos pouco definidos e visão periférica limitada sobre a temática abordada, comprometendo assim os resultados obtidos.

O sucesso das novas tecnologias pode ser resumido a três palavras: autonomia, domínio e velocidade, mas não deve de forma alguma se dissociar da dimensão sócio-cultural. A técnica por si só não é capaz de promover revoluções comunicacionais (como se afirma comumente), há necessidade de envolvimento, no sentido de acompanhar as necessidades dos modelos culturais e comunicacionais da atualidade, para que a partir deles constitua-se a assimilação da técnica. O pensamento inverso é equivocado. Por serem talvez o elemento mais visível da comunicação, as tecnologias são vistas como condição para as revoluções nas relações humanas e sociais, isto reforça a ideologia tecnicista presente hoje na mídia e em grande parte dos trabalhos sobre o tema, fazendo com que a lógica estabelecida de “corrida contra o tempo” culmine em uma compreensão mais imediata em detrimento de uma reflexão conjuntural.

A falta de reflexão sobre o sentido destas mutações explica o incessante movimento de ioiô, dos modismos e das revoluções que se observa há uns trinta anos.

Os homens, frente às tecnologias da comunicação, estão, como o coelho branco de *Alice no país das maravilhas*, sempre atrasados, sempre com pressa, sempre obrigados a ir mais rápido. (WOLTON, 2003, p. 31)

A atração exercida pelas novas tecnologias justifica-se de fato, pelas dimensões psicológicas, pois vão de encontro ao movimento crescente de individualização da nossa sociedade (FILHO, 2001). O simbolismo do domínio do tempo e do espaço fascina. Os indivíduos podem agir sem intermediários, numa espécie de solidão interativa na qual não existe filtro, hierarquias, tudo ocorre a sua vontade e em tempo real. A universalização da tecnologia e da Internet propagam uma co-presença e a interação do indivíduo de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional (LEVY, 1999). A descoberta de novos e diferentes usos por parte dos vários usuários em todo o mundo levou à formação das mais variadas redes formais e informais, de trabalho ou lazer, de afinidades e/ou encurtamento de distâncias entre pessoas e organizações das mais diversas: o meio acadêmico, a sociedade civil organizada, a conseqüente apropriação da Internet por parte das empresas e o empenho dos governos em sua disseminação (ou controle), os movimentos que surgem a partir da afirmação de liberdade de expressão e outros aspectos próprios da Internet ou mesmo num contexto político mais geral.

Variados tipos de estudos são desenvolvidos com base na temática das inovações tecnológicas: antropologia, psicologia, sociologia, direito, política e a comunicação, entre outros, apresentam uma boa fonte para analisarmos a variedade de abordagens, sobre di-

ferentes óticas, por conta das novas tecnologias que estão ocorrendo ao redor do mundo (CABRAL, 2001).

Como afirma Marcondes Filho, o problema está mal colocado, e estaremos eternamente desviando dele se a discussão permanecer centrada na questão técnica, na aceitação maniqueísta, listando prós e contras, caminhando para lugar nenhum.

Esta é, por isso, uma crítica frágil, facilmente desacreditável visto que a humanidade não poderá e nem desejará, de forma alguma, se desvencilhar desses equipamentos, sistemas e processos. Eles são uma *realidade instalada*, um dado do contexto atual, fruto de um certo desenvolvimento técnico, de certos valores perseguidos, de uma certa visão de mundo, que, por mais que sejam criticáveis enquanto posturas, impuseram-se à cultura e formam o quadro presente. E o homem não é tão frágil que não possa encontrar usos invertidos desses equipamentos, assim como não é tão forte que possa simplesmente aboli-los. As posições dicotômicas são equivocadas por serem “ficções teóricas”. Elas antes encobrem os problemas do que os resolvem, reduzindo a discussão a um procedimento de certo ou errado. (FILHO, 2001, p. 2)

Boaventura de Souza Santos afirma que toda e qualquer ciência dialoga diretamente com o contexto social em que está sendo desenvolvida e utilizada, não havendo espaço para pensamento asséptico, alheio as práticas sociais e ao contexto espaço-tempo que lhe é peculiar. No mundo caracterizado pela centralidade dos objetos técnicos a idéia de

domínio perde força e dá lugar à de adaptação, a sociedade se insere cada vez mais em um modelo em que não cabe dissociação e as partes instituem uma relação íntima com todo.

O artefato não é, pois, o utensílio, mas o próprio meio, ao mesmo tempo político, social e econômico, biológico, tal como o ideológico, no seio do qual o homem se completa a si mesmo, sem poder ultrapassar os limites nem recusar a presença. O computador não foi exatamente expulso, porque nós vivemos em um mundo pleno de máquinas e isto é para nós uma espécie de natureza. (SFEZ, 1990, p. 32)

3 A proposta hermenêutica de estudos

Abandonar a postura de superioridade e certezas absolutas frente a uma temática tão volátil e recente é condição necessária para que se interprete o campo comunicacional através de um olhar que “procura interpretar seu campo de estudo pelo que consegue enxergar na materialidade e no simbólico, reconhecendo seus limites e os das ferramentas que se utiliza” (LOPES, 2004, p. 35).

É fato que a hermenêutica por si só não representa uma metodologia que conseguirá isoladamente suportar a demanda existente frente ao desenvolvimento dos estudos comunicacionais. Neste ponto de vista o enfoque transdisciplinar¹ nos parece estabele-

¹ Em seu livro “Manifesto da Transdisciplinaridade” (1999), Nicolescu discorre sobre a falta de unidade do conhecimento, dizendo que com o crescente avanço da técnica o desenvolvimento dos saberes encontra-se cada vez mais centrado neste objeto, anulando de certa forma o sentido humano, sócio-

cer uma relação positiva com o método hermenêutico, pois não raras as vezes o objeto de estudo da comunicação carece de olhares que extrapolam o campo de estudos da mesma, fazendo-se necessária a apropriação de conhecimentos de outras ciências para o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla do objeto em si. A crescente pluralidade das representações contemporâneas parece vir de encontro ao paradigma transdisciplinar, que valoriza as tendências heterogêneas da atualidade em prol da produção de conhecimento, que ultrapassa fronteiras epistemológicas e promove um diálogo entre diferentes ciências, construindo novos modelos de compreensão que adequam-se ao nosso tempo.

Para atingirmos nosso objetivo é necessário o rompimento com o modelo tradicional de interpretação e explicação racional dos fenômenos. O método não-hermenêutico, que considera equivalentes a representação científica e as realidades materiais e simbólicas, promove o distanciamento do pesquisador em uma premissa asséptica, que ilusoriamente o coloca afastado da inserção sócio-cultural, política e econômica de seu objeto de pesquisa, fazendo com que o efeito contrário e indesejado seja atingido: Quanto mais se configura o afastamento desta inserção do objeto, mais se afasta da possibilidade de conhecê-lo a fundo.

Sem negar a necessidade de algum distanciamento, afirma-se que este não pode

cultural do conhecimento. O “cientismo” em nome de um saber que equipara a representação científica com as realidades materiais e simbólicas acaba por limitar as experiências e explorações a uma realidade de somente um nível, o técnico.

ser tão profundo que nos deixe sem qualquer afetividade pelo que estudamos. A assepsia que pode ser lida como preconceito e outros apriorismos, é absurda e não-racional. É preciso envolver-se com o processo comunicacional para compreendê-lo. Não há como, por exemplo, refletir sobre a TV aberta brasileira, negando-se a assistir, pelo menos uma vez, os programas mais populares. (LOPES, 2004, p. 30)

Lopes ao falar em preconceito o utiliza com significado diferente de Gadamer no desenvolvimento de suas teses hermenêuticas. Cabe entender que o preconceito citado por Lopes constituí-se na superioridade do pesquisador que coloca-se acima de seu tema, em uma postura de falsa superioridade e certezas absolutas, buscando o distanciamento intangível do objeto, fadando sua pesquisa a olhares descontextualizados, sem sujeitos bem definidos e discursos de “receitas fáceis que não contemplem os aprofundamentos necessários” (LOPES, 2004, p. 33).

No sentido proposto por Gadamer, através da hermenêutica das tradições, o preconceito adota um sentido no qual a validação da consciência histórica transforma-se em referencial para a interpretação do conhecimento humano, assim a pesquisa acadêmica não deve desenvolver-se alheia a consciência histórica da humanidade. Ciência e história se fundem pois o conhecimento sendo condicionado pelo caráter histórico-espaco-temporal em que se insere não consegue libertar-se deste condicionamento. Não há portanto a possibilidade de uma ciência livre de preconceitos (neste sentido último), tentar o caminho da dissociação torna-se um prejuízo ao processo científico. Para Ga-

damer o preconceito é um item necessário na construção da antecipação. Constituí-se como condição para a compreensão de algo. “É somente nessa tensão entre o outro e o próprio, entre o texto do passado e o ponto de vista do leitor, que o preconceito se torna operante, constitutivo da historicidade” (RICOEUR, 1983, p. 116). Mesmo que esforçadas, as tentativas de crítica ao preconceito foram consideradas infundadas por Gadamer, ao afirmar que o preconceito é peça chave no quebra-cabeça da compreensão, vinculado ao caráter historicamente finito do ser humano, uma vez que o preconceito, muito mais do que os juízos, constituem a sua realidade histórica. (ANDRIOLI, 2001)

Gadamer parte da finitude humana para o desenvolvimento da hermenêutica das tradições, classificando a compreensão humana como uma fusão de horizontes históricos, com produção criativa de significados, assumindo que, sendo parte de amplos contextos sócio-históricos, os Homens constroem sua compreensão através de uma reorganização condicionada pelos resquícios do passado.

Habermas sugere um caminho interpretativo de análise através das relações entre trabalho, poder e linguagem, na qual a presença da ideologia no discurso das instituições (de trabalho e poder) gera uma “compreensão sistematicamente distorcida”. Encontra-se aí o fundamento que nos permite inserir, no campo da contextualização da pesquisa, dentro da nossa proposta metodológica para a análise das novas tecnologias da informação e comunicação, a problemática da ideologia.

Em um mundo globalizado, onde é cada vez mais perene a participação dos grandes conglomerados transnacionais, das instituições e setores estratégicos de poder nas representações sociais (e no campo comunica-

cional), a abordagem ideológica de Habermas vêm somar ao desenvolvimento de uma epistemologia da comunicação na contemporaneidade.

Compete a crítica das ideologias pensar em termos de antecipações aquilo que a hermenêutica das tradições pensa em termos de tradição assumida. E, outros termos, a crítica das ideologias implica que coloquemos como idéia reguladora, adiante de um nós, o que a hermenêutica das tradições concebe como existindo na origem da compreensão. (RICOEUR, 1983, p. 128)

As preocupações com a análise da ideologia presente na comunicação, que advém do pensamento de Habermas, complementam (e não excluem), as teses hermenêuticas desenvolvidas por Gadamer. Quando percebemos o alinhamento destas teorias através das palavras de Ricoeur, caminhamos mais próximos ao objetivo abrangente e profundo presente na proposta metodológica hermenêutica. Levando em consideração a somatória dos principais pontos das teorias de Gadamer e Habermas, Ricoeur desenvolve a crítica das ideologias, levando em consideração as condições históricas a que está submetida a compreensão humana sob o domínio da finitude e o desafio de se contrapor diante das distorções que emergem no ato da comunicação.

No complemento da defesa de Habermas pela hermenêutica crítica positiva, que admitia como racionais os atos comunicacionais, Lopes (2004) propõe uma hermenêutica crítica negativa, voltando suas atenções para os estudos da comunicação não-racional. “Imagina-se que este agir termina por ser, no teste de sua prática social, mais

importante do que o racional, por sua cotidianidade nas relações interpessoais e na comunicação midiática (LOPES, 2004, p. 31).

Com uma breve exposição de alguns conceitos fundamentados nas teorias hermenêuticas e associados ao incentivo da prática transdisciplinar na pesquisa comunicacional voltada as novas tecnologias da informações e comunicação, podemos resumir os preceitos básicos para a construção de um conhecimento acadêmico norteado pela junção das teses hermenêuticas abordadas, apontando para a necessidade de:

a) Contextualização espaço-temporal (do objeto e da comunicação);

b) Definir com precisão os sujeitos envolvidos no processo a ser estudado;

c) Analisar o discurso dos atores envolvidos no processo a ser estudado;

d) Não pressupor-se acima do objeto de estudo, reconhecendo que sempre existirão limites dentro do processo a ser estudado.

Para Demo (1992) a hermenêutica contemporânea não limita-se a interpretação somente de textos, também ocupa-se da tarefa interpretativa da comunicação humana quanto aquilo que é dito bem como aquilo que não se diz. “Compreender formas e conteúdos da comunicação humana, em toda a sua complexidade e simplicidade” (DEMO, 1992, p. 249).

4 Considerações Finais

Este trabalho busca suscitar a importância das questões interpretativas, apropriando-se do método hermenêutico filosófico contemporâneo e do conceito de transdisciplinaridade, para sugerir uma epistemologia que sirva de base para o desenvolvimento de pes-

quisas acerca das novas tecnologias da informação e comunicação.

Não é nossa intenção, e pretensioso demais o seria, fornecer a totalidade dos subsídios necessários para a construção de um estudo do âmbito aqui tratado, fazendo-se necessárias outras referências, saberes e conceituações. A engrenagem que move nossos esforços na construção deste tipo de trabalho é a da abertura a contribuições, adaptações e rearranjos que permitam obter os resultados mais plenos possíveis. Para tal oferecemos a contribuição da problemática hermenêutica, colocada a princípio para suprir a necessidade de uma *exegese*² acerca de textos religiosos em um espaço-tempo³ no qual a influência dos objetos técnicos e sua centralidade no contexto sócio-cultural era bastante diferente da realidade atual. Evoluindo através do desenvolvimento dos pensamentos hermenêuticos de autores como Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, Gadamer, Habermas, Paul Ricoeur entre outros o paradigma hermenêutico consolidou-se e acompanhou as necessidades interpretativas de cada época, colocando-se hoje como alternativa pertinente aos estudos comunicacionais frente a centralidade dos objetos técnicos na contemporaneidade.

As novas tecnologias da informação e comunicação, principalmente a Internet, permitem, de uma maneira nunca antes experimentada pela sociedade, a comunicação em escala global, através de uma dinâmica que subverte as barreiras geográficas e potencializa seu poder (CASTELLS, 2003). A possibilidade de interação entre os seres huma-

² Função interpretativa para um texto ou palavra escrita.

³ Refere-se aqui à Teoria da Exegese Bíblica de Danhamer, datada de 1654.

nos, de ponta a ponta do globo, gera uma situação de esperança, embora crie também novos problemas. Seguindo a dinâmica dos *turning points* comunicacionais, as aplicações das tecnologias da comunicação na atualidade surgem como resposta parcial para os problemas de uma época anterior, constituindo em si uma nova lista de conflitos e problemas para os quais ainda é prematura a busca de soluções definitivas.

Grande parte dos discursos que se apresentam como críticos ou inovadores são carregados de tendências maniqueístas e míopes frente a real problemática que envolve as novas tecnologias e a comunicação, ou ainda ocupam-se de exercícios de “futurologia” em uma tentativa de prever uma sociedade pós-internet e compreender um acontecimento além do atual, que ainda encontra-se incompreendido. Estes discursos são dotados de uma visão parcial reduzida do contexto evolutivo e por conhecerem mal as transformações em andamento acabam por reforçar o caráter técnico, em sobreposição aos aspectos humanos e sociais, que só são visíveis através de uma abordagem detalhada do contexto. Frente a dinâmica da velocidade, a busca por simplificações e respostas igualmente rápidas suprime a análise mais cautelosa do tema proposto. A visão tecnicista (amplamente difundida pela mídia e absorvida pelo senso comum), alicerçada sobre o suporte da velocidade, é em parte verdade para dimensão econômica que envolve o contexto das inovações tecnológicas, mas sua distancia das dimensões sócio-culturais e políticas é abissal.

Por exemplo, quando se afirma que a difusão de redes de computador e satélites permitirá uma melhor compreen-

são no âmbito da comunidade internacional, confunde-se, voluntariamente ou não, comunicação normativa e comunicação funcional. Com isto se reduz a capacidade de compreensão entre os povos, as culturas, os regimes políticos, que por um outro lado tudo separa, ao volume e ao ritmo dos intercâmbios entre as coletividades permitidos pela rede. Como se a compreensão entre as culturas, os sistemas simbólicos e políticos, as religiões e as tradições filosóficas dependessem da velocidade de circulação das informações!... *Como se a troca mais rápida de mensagens significasse uma compreensão melhor.* (WOLTON, 2003, p. 40)

Nosso principal objetivo é o de conter o reducionismo comunicacional ao campo da técnica, e retomar sua pesquisa em um modelo de comunicação que transita no seio da cultura humana e do social.

Ao unirmos os subsídios aqui abordados, para a construção de um olhar contextualizado na pesquisa sobre novas tecnologias da informação e comunicação, podemos afirmar que, apesar de as novas tecnologias representarem um evidente progresso técnico, este fator por si só não é suficiente para criar um progresso histórico-comunicacional. É urgente, frente as simplificações cada vez mais abundantes, a necessidade de relativização do tema e de uma abordagem mais reflexiva do que tendenciosa para analisá-lo.

A fascinação pelas técnicas e ferramentas tecnológicas não pode suprimir o lugar da fascinação e da busca pelo entendimento das dinâmicas humanas da comunicação que englobam este campo complexo, fascinante e surpreendente.

5 Referências

- ANDRIOLI, Antônio Inácio. *A crítica da hermenêutica e a hermenêutica da crítica*. In: Revista Espaço Acadêmico, nº 24, Porto Alegre: 2001. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/024/24res_and.htm> Acesso em: 25 de ago. de 2005.
- CABRAL, Adilson. *Webcomunicação: a comunicação pensada a partir da Web*. 2001. Disponível em <<http://www.comunicacao.pro.br/artcon/webcomunicacao.htm>>. Acesso em: 7 de nov. de 2005.
- CAPALBO, Creusa. *Fenomenologia e hermenêutica*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1983.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1992.
- FERREIRA, Rubens da Silva. *A sociedade da informação no Brasil: um ensaio sobre os desafios do Estado*, In: Ciência da Informação, Brasília, v. 32, n. 1, p. 36-41, jan./abr. 2003
- FILHO, Ciro Marcondes. *Haverá Vida após a Internet?* In: Revista Famecos, nº 16, Porto Alegre: 2001.
- GADAMER, Hans-George. *Verdade e método: esboços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- HABERMAS, Jürgen. *Dialética e hermenêutica: para a crítica da hermenêutica de Gadamer*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- LÉVY, Pierre. *A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2003
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LOPES, Luís Carlos. *O culto às mídias: interpretação, cultura e contratos*. São Carlos: Ed. UFSCAR, 2004.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- MARQUES DE MELO, José,; SATHLER, Luciano. *Direitos à Comunicação na Sociedade da informação*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2005.
- NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.
- RIBEIRO, José Carlos S. *Comunidades virtuais eletrônicas: convergência da técnica com o social*. FACOM UFBA: Salvador, 2000.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1983.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Gradil, 1989.

SFEZ, Lucien. *Crítica da comunicação*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade, 1990.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois?* São Paulo: Sulina, 2003.